

FEDERICO PALOMO (coord.) – *La memoria del mundo: clero, erudición y cultura escrita en el mundo ibérico (siglos XVI-XVIII)*. Madrid: Publicaciones Universidad Complutense de Madrid, 2014 (Cuadernos de Historia Moderna. Anejos. Serie de Monografías, XIII), 362 pp.

Este interessante volume, coordenado por Federico Palomo e enquadrado num projecto de investigação sobre *Letras de frailes*, abarca e aprofunda diversas questões teóricas, apresenta resultados de investigação e explora vários aspetos da relação entre clero e cultura escrita na Época Moderna. Na introdução sobre “Clero y cultura escrita en el mundo ibérico de la Edad Moderna”, Federico Palomo apresenta, aliás, um vasto e informado elenco de temas e assuntos que remetem, tanto no plano historiográfico como em termos metodológicos, para as múltiplas dimensões da relação entre clero e cultura escrita na Época Moderna, particularmente nos séculos XVI e XVII peninsulares. Nesse elenco merecem destaque, por exemplo, a importância que o uso de textos, manuscritos ou impressos, tiveram na missão, uma vez que o livro foi um auxiliar muito presente, com uso abundante pela missão católica. Por isso, a “dimensão escrita da missão”, frequentemente esquecida, tem um inequívoco interesse para a compreensão das formas de comunicação, das actividades de conversão e de doutrinação, sobretudo durante o período da Contrarreforma. Os próprios religiosos e missionários foram com frequência não só ávidos leitores, mas também autores de obras – catequéticas, sermonárias, espirituais – que a imprensa permitiu difundir largamente, em vários formatos para distintos usos. De um modo particular, referiu o papel de relevo que tiveram os religiosos e missionários jesuítas (que F. Palomo bem conhece), cuja cultura, erudição, sistema educativo e conhecimentos empíricos diversos estudos têm evidenciado, seja no plano teológico, seja doutrinal, seja moral, seja espiritual e, até, literário (sobretudo pela valorização de obras de teatro). Além disso, a prática regular da produção epistolar, nomeadamente em missão, tem permitido aferir a vastidão da sua cultura e do modo como exerciam a missão. Mas a atividade específica e intensa desta congregação não pode ofuscar a diversidade do universo clerical e religioso, evidenciado pelo papel relevante de outras ordens religiosas no domínio da cultura escrita e dos usos desta para as suas actividades religiosas ou pastorais.

Também não se pode omitir a importância da literatura espiritual e devota que se foi alargando ao longo dos séculos XVI e XVII, destinada não só a religiosos e clérigos, como também a leigos que, cada vez mais, acediam ao universo e experiências da vida espiritual, assim como o relativo crescimento da escrita religiosa feminina, sobretudo ao longo do século XVII e XVIII.

Finalmente, F. Palomo chamou a atenção para o lugar das crónicas das ordens religiosas enquanto esforço de “historicização” da vida religiosa e de fixação de uma memória que passava pelas instituições e pelas vidas dos seus membros – e daí a proximidade que

apresentam, com frequência, ao registo hagiográfico.

O elenco destas questões não resume, contudo, a diversidade e riqueza de estudos que este volume inclui nas suas duas partes. A primeira, intitulada *Los religiosos y sus textos: circulación, edición y comercio*, engloba cinco trabalhos que incidem sobre entidades e figuras importantes do mundo da edição de textos (de vários géneros, propósitos e finalidades) produzidos pelo clero, com circulação impressa ou (ainda) manuscrita. Abre com um estudo de Fernando Bouza que nos conduz pelo complexo mundo do negócio editorial em que se moviam não só livreiros e impressores, muitos deles “custeadores” de edições de obras de temática religiosa durante os séculos XVI e XVII ibéricos, mas também algumas ordens religiosas ou, mesmo, religiosos concretos. O autor debruça-se com algum pormenor sobre dois casos concretos (os jerónimos do mosteiro de San Lorenzo el Real e os jesuítas da Província de Castela), cujos usos do livro eram muito variados, incluindo a troca comercial, europeia ou ultramarina. Como bem lembrou F. Bouza, “las órdenes y comunidades solían conservar conjuntos importantes de libros que habían sido compuestos por sus hijos. Aquí, los jerónimos laurentinos disponen de más de médio millar de cuerpos de las partes de la *Historia* de Sigüenza” (p. 46). No caso dos jesuítas, “Aparte de leerlos, escribirlos, aprobarlos, censurarlos, ordenarlos o enseñar com ellos, los jesuítas también negociaban com libros, incluso en cantidades de su trato más grueso”. Deste modo, não entrando na análise de conteúdos das obras com que ilustra o estudo, explora essencialmente a dimensão mercantil das edições e da sua circulação, com especial destaque para o papel dos seus custeadores, que tiravam partido não só da procura, como também, ou principalmente, da consciência da sua importância para os processos de educação, de evangelização ou de vida espiritual.

Por sua vez, Paul Nelles, no estudo sobre a *Chancillería en colegio: la producción y circulación de papeles jesuítas en el siglo XVI* (pp.49-70), debruça-se sobre os usos e funções de cartas, instruções, notícias ou outros documentos – sobretudo manuscritas – dentro da Companhia de Jesus no século XVI, em particular nas suas províncias e colégios, tanto da Europa como de espaços ultramarinos. Assim, este artigo evidencia como, já nas suas primeiras décadas de existência, a Companhia de Jesus criou no seu seio, através de práticas de escrita e de circulação organizadas, um sistema eficaz e progressivamente consolidado de comunicação que, apesar das mudanças que se foram operando ao longo do século, constituiu um dos mecanismos fundamentais para o reforço da própria identidade da congregação.

O artigo de Carlos Alberto González Sánchez, intitulado *Misión náutica. De libros, discursos y prácticas culturales en la Carrera de Indias de los siglos XVI y XVII* (pp. 71-86), apresenta uma abordagem muito interessante e pouco habitual do papel do livro e outros “papéis” na construção do discurso e da instrução religiosa dos tripulantes dos navios levada a cabo pelos clérigos ou religiosos que acompanhavam as travessias marítimas de espanhóis e portugueses. Deste modo, mais do que o comércio livreiro, este estudo aborda o modo como os tempos – muitas vezes, longos tempos – de viagem marítima eram aproveitados

para instruir e educar religiosa e moralmente os tripulantes. Mas a viagem marítima, nomeadamente de religiosos e clérigos, não se fazia apenas num sentido que tomava a Europa (e, concretamente, a Península Ibérica) como centro irradiador. *A Carreira das Índias* explorava, naturalmente, os dois sentidos e os interesses ou objetivos de caráter religioso não deixaram de os aproveitar. É o que muito bem mostra Ângela Barreto Xavier no estudo sobre um frade franciscano português, Fr. Miguel da Purificação, nascido na Índia nos finais do século XVI, que viajou até Lisboa, Madrid e Roma na década de 1630 para resolver problemas de jurisdição da província franciscana a que pertencia (*Fr. Miguel da Purificação, entre Madrid y Roma. Relato del viaje a Europa de un franciscano portugués nacido en la India*, pp. 87-110). Textos contidos em obras deste franciscano – em especial na *Relación defensiva dos filhos da Índia Oriental...* (Barcelona, 1640) e, mais lateralmente, na *Vida Evangélica y apostólica de los frailes menores en Oriente...* (Barcelona, 1641), já estudadas, aliás, pela mesma investigadora em trabalhos anteriores –, são aqui abordados numa perspetiva que pretende, por um lado, realçar o contexto específico da sua viagem, mostrando como, sobretudo os da *Relación defensiva*, “participan de este universo de saberes y de prácticas” que envolvem as relações entre a União Ibérica e o Papado em tempos do patronato régio e da Propaganda Fide, dado que esta obra “se inscribe en las complejas tramas jurisdiccionales” que, naturalmente, afectavam a sua província franciscana que não era reconhecida como tal pela de Portugal. Por outro lado, a autora pretende mostrar como a *Relación defensiva* é “al mismo tiempo, un tratado argumentativo y el diario de un viaje institucional que refiere el modo en que su autor fue haciendo frente a múltiples obstáculos que fueron surgiendo hasta alcanzar los objetivos deseados” (p. 108), sendo a escrita uma “compañera constante” da viagem à Europa realizada por este franciscano.

Passando ao século XVIII, Federico Palomo debruça-se, com rigor e erudição, sobre a vasta atividade e significativas obras (nomeadamente crónicas e hagiográficas) do franciscano leigo Fr. Apolinário da Conceição, conduzindo-nos pelos meandros da edição e da circulação de impressos no âmbito da monarquia portuguesa no artigo intitulado *Conexiones atlánticas: Fr. Apolinário da Conceição, la erudición religiosa y el mundo del impreso en Portugal y la américa portuguesa durante el siglo XVIII* (pp. 111-137). O estudo da atividade literária deste franciscano – considerando a sua trajetória entre Lisboa e o Rio de Janeiro – está cuidadosamente enquadrado na afirmação de práticas de escrita dos franciscanos portugueses e na sua relação com contextos eruditos do século XVIII, colocando em relevo o envolvimento das elites coloniais brasileiras no patrocínio de edições de textos devotos. F. Palomo dá ainda especial atenção a alguns aspectos ainda pouco trabalhados pela historiografia, nomeadamente, à relação e laços que este franciscano foi estabelecendo entre círculos eruditos portugueses e brasileiros e à participação do mundo colonial luso-brasileiro no patrocínio de livros impressos – no que designa um “original mercado de impresos, paralelo a los circuitos habituales” (aqui restritos a círculos clericais e religiosos).

A segunda parte, subordinada aos temas *Memoria, erudición y saberes del mundo*, inclui

também cinco artigos que, de distintos âmbitos e perspectivas de investigação, incidem sobretudo sobre as práticas escritas e eruditas do clero ibérico da Época Moderna, inclusive em espaços imperiais, ou outros, abarcando temas muito diversificados, quer pelo objeto de estudo, quer pelas perspectivas de análise.

A. Castillo Gómez entra nos espaços conventuais femininos da Época Moderna, ocupando-se de *Cartas desde el convento. Modelos epistolares femininos en la España de la Contrarreforma* (pp. 141-168). Partindo do facto de que, nos conventos (muito mais do que no século), “las monjas dispusieron de mayores oportunidades para aprender, de tempos para escribir, motivaciones para hacerlo y de un lugar para ello, la celda” (p. 142), o autor debruça-se sobretudo sobre as práticas epistolares que marcaram a atividade escritora de muitas freiras, descendo mesmo, por um lado, à complexa materialidade e desigual qualidade das cartas (em especial as autógrafas) de religiosas na Espanha Barroca e, por outro, diferenciando claramente a função da carta enquanto meio de comunicação entre comunidades de religiosas e a que assumia funções espirituais. A partir do estudo destes diferentes usos e dos seus contextos, Castillo Gómez compara o epistolário de Teresa de Jesus e a correspondência de Maria da Agreda com Filipe IV, o que lhe permite uma interessante reflexão sobre os paradigmas epistolares que elas revelam: no primeiro caso, evidenciando o valor da comunicação escrita na reforma das carmelitas descalças e, no segundo caso, mostrando como aquela monja concepcionista assumiu mais o papel de “divina madre” que dá resposta à necessidade de conselho espiritual do monarca.

José Luis Beltrán Moya ocupa-se da *Literatura misional jesuíta en las fronteras amazónicas del virreinato peruano entre finales del siglo XVII y comienzos del siglo XVIII* (pp. 169-194), dando especial realce aos relatos cronísticos (fundamentalmente manuscritos), sem esquecer o ficcional, com que os jesuítas divulgaram, com fins morais, as suas experiências e vivências.

Por sua vez, Rodrigo Bentes Monteiro analisa o trabalho erudito, historiográfico e, de certo modo, colecionador do oratoriano, académico e bibliófilo português, Diogo Barbosa Machado (pp. 195-219), com que constituiu os volumes que incorporam uma multiplicidade de folhetos e de retratos gravados (de reis e pessoas “ilustres”, de “Portugal e suas conquistas”) que hoje se guardam na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (disponíveis também em cópias digitais). O carácter raro e singular destes volumes só se compreende no quadro mais vasto da atividade deste oratoriano e do contexto cultural, político e religioso em que a exerceu, que o artigo tenta caracterizar.

Passando a espaços asiáticos, Zoltán Biedermann propõe-se realçar a sobreposição da dimensão do tempo à do espaço, numa assumida releitura da *Conquista Espiritual do Oriente* de Fr. Paulo da Trindade, OFM (pp. 221-242), analisando o modo como este autor historiou, com intuídos descritivos, mas também apologéticos, a presença dos franciscanos na Índia Portuguesa e Ceilão. Na sua perspectiva, nesta obra “el espácio nunca aparece como una entidad que deba ser tomada seriamente en cuenta”, porque para Trindade “lo importante son los hombres, sus acciones y los milagros divinos que les moldean los destinos” (p. 236), o que lhe permite

“enfatar la profundidad histórica de la presencia franciscana en Asia” (p. 239) – um tema que, em jeito de conclusão, deverá incitar a “releer todo lo que hay y a buscar la elaboración de un nuevo cuadro interpretivo” (p. 242). Antonella Romano propõe-se “(D)escribir la China en la experiencia misionera de la segunda mitad del siglo XVI” através do “laboratorio ibérico” (pp. 243-262), tentando mostrar, com base na análise de obras dos missionários Gaspar da Cruz, de González de Mendoza e de Nicolas Trigault, como a China se converteu, na 2ª metade do século XVI – especialmente graças aos testemunhos de missionários –, em objeto de análise e consequente saber para o mundo letrado europeu, inscrito num novo quadro global.

Com este conjunto multifacetado de estudos, que abarcam temáticas e áreas tão díspares (unidas, contudo, pela relação da cultura escrita com a religião), esta obra chamou a atenção para – e abriu pistas para futuras investigações sobre – múltiplas facetas da cultura intelectual e das práticas escritas de clérigos e religiosos ibéricos da época moderna, cujo alcance se alargou a espaços intercontinentais, graças, em grande medida, à sua atividade religiosa, missionária, intelectual e educativa.

Maria de Lurdes Correia Fernandes

(Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

